

MOTIVAÇÃO E PERSPECTIVA FUTURA NO TÊNIS INFANTO-JUVENIL

Marcos Alencar Abaide Balbinotti

Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Resumo

O tema em questão trata da Motivação Humana relacionada ao esporte. O objetivo deste artigo é de apresentar e discutir a Teoria da Motivação Humana de Nuttin (1980a, 1985) e as contribuições de Lens (1993) – no que tange a noção de motivação da perspectiva futura – e de Ruel (1987) – que trata da noção de motivação e representação do si-mesmo, destacando a relevância de suas aplicações no contexto do tênis infanto-juvenil. Contudo, tal revisão permitiu explorar possíveis conceitos relativos ao construto motivação, principalmente no que se refere às perspectivas futuras e, suas aplicações em tenistas infanto-juvenis. Pode-se concluir que a significação motivacional, na perspectiva futura, caracteriza-se no comportamento em um conjunto de seqüências organizadas no tempo. A unidade da diversidade de pesquisas demonstra que indivíduos que pensam a longo termo privilegiam o futuro, em detrimento do passado.

Palavras-chave: motivação; perspectiva temporal; tenistas

MOTIVATION AND FUTURE VIEW ON THE YOUTHFUL TENNIS

Abstract

This paper deals with Human Motivation concerning sports. It aims to present and discuss Nuttin's Human Motivation Theory (1980a, 1985), as well as Lens' (1993) and Ruel's (1987) contributions – involving future time perspective motivation notion, and motivation and Self representation, respectively, highlighting the relevance of their applications within youth tennis context. Nevertheless, such a review allowed for the exploration of possible concepts related to the motivation construct, especially regarding future time perspective and its applicability to young tennis players. The conclusion is that motivational signification, in future time perspective, is characterized by the behavior in a sequence set organized in time. The uniformity of the various researches demonstrates that long term thinking individuals privilege the future, instead of the past.

Keywords: motivation; future time perspective; tennis players

MOTIVACIÓN Y VER EL FUTURO EN EL TENIS INFANTIL Y JUVENIL

Resumen

Nuttin sistematizo una importante teoría general de la motivación humana. Otras teorías contribuyen para la comprensión de este principio superior, principalmente en lo que se refiere a la noción de perspectiva futura. Tal revisión permitió investigar la interacción de varios conceptos relacionados al contexto del tenis infantil y juvenil. Como principal reflexión conclusiva, se destaca que los jóvenes que poseen una significativa motivación futura se adaptan mejor a las tareas (obviamente aquellas asociadas al entrenamiento) que aquellos con necesidades de satisfacción motivacional en una perspectiva mas inmediata. Nuevos estudios o reflexiones, deben profundizar mas estos tópicos, a fin de cuentas, este primer intento no debe terminar en si mismo.

Palabras-llave: motivación humana; perspectivas; tenis; infantil y juvenil

Introdução

A motivação humana é um dos importantes temas psicológicos explorados pela psicologia do esporte. Pode-se demonstrar esse interesse indicando que, no Canadá, recentemente, a revista *Canadian Psychology*, edição especial de agosto de 2008, foi dedicada exclusivamente a temas relacionados à Teoria da Autodeterminação e Motivação Intrínseca e, um mês mais tarde, a revista *Psychologie Québec*, edição de setembro de 2008, teve como tema central “*la motivation: bien la comprendre pour mieux l'utiliser*” [motivação: compreendê-la bem para melhor utilizá-la]. Sem dúvida, trata-se de um tema atual e que merece atenção de psicólogos do esporte. Dando seqüência a esse atual interesse, propõe-se apresentar e discutir a Teoria da Motivação Humana de Nuttin (1980a, 1985) e as contribuições de Lens (1993) – no que tange a noção de motivação da perspectiva futura – e de Ruel (1987) – que trata da noção de motivação e representação do si-mesmo. Em seguida, vai-se destacar a importância de suas aplicações no contexto do ténis infanto-juvenil.

Reflexões acerca do construto ‘motivação’

O construto *motivação* tem sido, por um lado, muito explorado na literatura especializada, mas, por outro lado, não nos parece equivocado afirmar que ainda se tem muito a explorar. Em primeiro lugar, pode-se dizer que não é difícil encontrar artigos científicos com respeito a este construto. Em sua maioria, discutem importantes aspectos teóricos de uma ou outra teoria da motivação, ou ainda, apresentam novos inventários que se propõem a avaliar algumas dimensões deste

construto. Nota-se que, ao mesmo tempo em que se imagina saber bastante a respeito deste construto, sabe-se, de fato, pouco; ou melhor, parece que nunca se sabe o suficiente! Pode-se afirmar que poucos artigos ou escritos em geral são encontrados, quando o objetivo é discutir uma teoria motivacional aplicada a esse grupo específico de jovens.

Embora se conheça bem a Teoria da Autodeterminação, seja por estudos internacionais (Deci & Ryan, 2008; Ryan & Deci, 2008; Joussemet, Landry & Koestner, 2008; Laguardia & Patrick, 2008; Pelletier & Sharp, 2008; Levesque, Copeland & Sutcliffe, 2008; Cagné & Forest, 2008; Guay, Ratelle & Chanal, 2008; Miquelon & Vallerand, 2008; Wilson, Mack & Grattan, 2008; Vallerand, Pelletier & Koestner, 2008) e mesmo nacionais (Barbosa, 2005; Juchem, 2006; Balbinotti e Barbosa, 2008; Saldanha, 2008; Juchem, Balbinotti, Balbinotti, Barbosa, & Saldanha, 2007; Saldanha, Juchem, Balbinotti, Balbinotti, & Barbosa, 2007; Balbinotti, Barbosa, Juchem, Balbinotti, & Saldanha, 2007; Balbinotti, Balbinotti, Barbosa, Ferreira, & Gotze, 2007; Saldanha, Barbosa, Balbinotti, Balbinotti, & Ferreira, 2008; Gonzales, Barbosa, Balbinotti, Ferreira, & Balbinotti, 2008; Barbosa, Balbinotti, Gonzales, Balbinotti, & Ferreira, 2008), não se pretende explorá-la neste momento, mesmo porque, parece já estar sendo adequadamente explorada. Entretanto, a Teoria da Motivação Humana de Nuttin tem sido negligenciada, por, quem sabe, falta de uma compreensão adequada de sua complexidade, e ainda, ausência de uma adequada exploração de importantes contribuições subseqüentes.

Teoria geral da motivação humana de Nuttin

A motivação humana, para Nuttin (1985), é, em primeiro lugar, “uma tendência específica em direção a uma determinada categoria de objetos, e sua intensidade está em função da natureza do objeto e da relação deste com o sujeito” (p. 135). Seu modelo conceitual da motivação e do comportamento humano (Nuttin, 1980a, 1985), aborda a complementaridade do organismo e do ambiente. Como explicado pelo próprio autor no início de seu livro intitulado “Théorie de la motivation humaine”, o ambiente somente existe em função dos significados atribuídos pelo indivíduo e, igualmente, o indivíduo somente se desenvolve em função das situações que ele percebe no ambiente. Esta interação indivíduo-ambiente, que o autor simboliza por I-A, é dinâmica, contínua e assegura a existência de ambos. Segundo o autor, ela corresponde à base de todos os acontecimentos e situações vividas pelo indivíduo mesmo quando o objeto de sua ação é ele mesmo.

Na seqüência de suas idéias, Nuttin (1980b) sugere que o comportamento provém do dinamismo de uma necessidade e representa uma função da relação entre o indivíduo e o ambiente. Assim, segundo sua teoria, as ligações estreitas entre o indivíduo e o ambiente se estabelecem em relação às necessidades (objetos-desejados) que, sob o dinamismo propulsor da motivação, são transformados em objetos-alvo. Neste ponto de vista, a motivação representa a direção ativa do comportamento apontando para certas categorias preferenciais de situações ou objetos: o indivíduo tem necessidade de objetos e de relações específicas. Sendo assim, Nuttin (1980b) desenvolveu o método de indução motivacional, método que permite distinguir as motivações em função de categorias de objetos e de relações comportamentais com o ambiente.

No que concerne à orientação fundamental das relações requisitadas (as necessidades), o autor admite que este processo é, em parte, inato, mas fatores conativos (relacionados às experiências) e cognitivos (intelectuais) também contribuem. O autor afirma que é graças à necessidade (estado motivacional que coloca em funcionamento a atividade cognitiva) que o indivíduo escolhe um objetivo e formula um projeto de ação. Visto deste ângulo, é o funcionamento cognitivo que permite passar da necessidade à execução do projeto de ação. E o mais interessante é que o autor acredita que a formação dos objetivos e dos projetos de ação deve emanar da própria personalidade do indivíduo. Por exemplo, seria adequado evitar implantar nos jovens projetos elaborados por algum mentor (pai, treinador, professor, etc.) sem a intervenção cabal e continuada do próprio jovem.

Neste sentido, o autor considera que os objetivos (alvos) estão ligados às particularidades do auto-conceito e da motivação do jovem. Para Nuttin (1980b), o objetivo e o projeto de ação estão também associados à noção de perspectiva futura (representação atual de um acontecimento futuro). O autor ainda destaca, com suas próprias palavras, que “a ausência de perspectiva futura é um dos fatores que comanda a incapacidade de certos grupos para conceber e realizar projetos construtivos de certa envergadura ou amplitude” (p. 5). Conseqüentemente, e considerando que a maior parte dos objetos não está presente no momento que eles são desejados, o indivíduo está orientado em direção ao futuro através das antecipações. Conforme as pesquisas deste autor, podemos concluir que jovens que acordam um valor instrumental positivo aos objetos-alvo distantes (em função de seu

alto grau de motivação) obtém melhores resultados e manifestam ligações mais estreitas entre suas práticas esportivas e a realização de sua carreira como atleta.

Teoria da significação motivacional da perspectiva futura de Lens

Foi dando segmento à obra intitulada “Future time perspective and motivation” (Nuttin & Lens, 1985) que Lens (1993) especifica sua concepção de perspectiva futura: trata-se da integração do futuro cronológico no momento presente do indivíduo. Nesta perspectiva, o indivíduo desenvolve suas raízes no processo motivacional, influenciando o comportamento orientado em direção a objetivos-alvo. Partindo desta descrição, Lens (1993) desenvolveu o conceito de perspectiva futura no nível de sua significação motivacional pelo viés de sua origem e de seu impacto sobre o comportamento. Ele também trata da extensão da perspectiva futura para se situar em relação ao tempo. Inicialmente, Lens (1993) sustenta que a perspectiva futura provém das características da pessoa, podendo fixar alvos de maior ou menor espaço de tempo. Diferenças individuais em matéria de extensão da perspectiva futura devem ser observadas: por um lado, existem jovens que têm objetivos-alvo que podem ser alcançados em um futuro distante (longa perspectiva futura); por outro lado, existem aqueles que perseguem objetivos-alvos que devem se realizar num futuro próximo (curta perspectiva futura). E, ainda, existem certos jovens dotados de uma perspectiva futura bem distante ou alongadas (esperam por diversos anos antes de ter acesso a sua carreira de atleta) e que não necessitam de pequenas satisfações imediatas, mas que aceitam satisfações que podem ser várias vezes adiadas, sem uma real necessidade de satisfação em curto prazo.

Por um lado, Lens (1981) faz da perspectiva futura uma característica da tarefa de obtenção de sucesso. O autor explica que o número de etapas a realizar antes de obter sucesso e a extensão temporal identifica a perspectiva futura. Ele especifica que isso não se trata de um tempo cronológico, mas subjetivo, e é esse que tem um impacto motivacional. Assim, segundo o autor, os indivíduos dotados de uma perspectiva futura alongada normalmente percebem um determinado intervalo de tempo como mais curto que aqueles que se caracterizam por uma perspectiva futura restrita. Trata-se de um elemento que deve ser considerado. No caso de jovens tenistas, as perseveranças aos treinos e às aspirações profissionais representam componentes importantes no desenvolvimento do treino desses jovens.

Por outro lado, para compreender o impacto da perspectiva futura, Lens (1993) utiliza o modelo de Feather (1982) da motivação humana, modelo que considera o

valor ou a importância (“value”) acordada a um alvo, a utilidade percebida da ação realizada ou da forma escolhida (“instrumentally”), e a probabilidade de alcançar o objetivo esperado (“expectancy”). Referindo-se a um desses estudos anteriores (De Volder & Lens, 1982), Lens supõe que os indivíduos dotados de uma perspectiva futura alongada acordam maior valor aos alvos distantes e, portanto, devem considerar o treino desportivo como mais útil na busca dos alvos distantes, pois antecipam melhor as conseqüências de uma ação em longo prazo.

Lens (1993), por fim, levanta a hipótese de que aqueles que possuem uma perspectiva futura alongada são mais aptos a transformar seus próprios desejos em intenções comportamentais e, por conseguinte, em ações que ao mesmo tempo mostram-se mais aptas a desenvolver estruturas comportamentais meio-fim de longa duração. Ele explica que o aspecto dinâmico da perspectiva futura corresponde à disposição em acordar uma grande importância aos alvos. Esses diversos elementos parecem estar ligados à noção de maturidade, e mais precisamente, a maturidade de carreira (ou futura carreira) ou de capacidade de tomada de decisão que trataremos a seguir.

Teoria Geral da Escolha (como decisão) e do Desenvolvimento Profissional de Super

A noção de maturidade de carreira ou de capacidade de tomada de decisão profissional (ou escolha) são conceitos largamente explorados na Teoria Geral da Escolha e do Desenvolvimento Profissional de Donald Super. Para Super (1953, 1957, 1963, 1972, 1980, 1985a, 1985b, 1990), o desenvolvimento profissional é um processo contínuo (da infância ao envelhecimento) ordenado e previsível. Também é dinâmico, no sentido de resultar da interação entre os conhecimentos do indivíduo e as demandas da cultura, o que o faz ter um caráter psicossocial. Uma descrição detalhada e objetiva dos modelos que integram esta teoria, com destaque no conceito de maturidade vocacional, poderá ser consultada em uma recente publicação nacional (Balbinotti, 2004), a partir de informações compiladas dos originais do próprio autor (Super, 1953, 1957, 1972, 1980, 1985a, 1985b, 1990; Super, Savickas, & Super, 1996).

Na elaboração de sua teoria, Super (1963) coloca em evidência os estados profissionais que o indivíduo atravessa ao longo de sua vida. Ele fala do estado de exploração profissional que compreende três sub-estados: escolhas provisórias (que

corresponde à tarefa de cristalização de uma preferência profissional); transição (que corresponde à tarefa de especificação de uma preferência profissional); e tentativa (que corresponde à tarefa de atualização de uma preferência profissional). Em outras palavras, este cientista do comportamento profissional concebe que um jovem faz, inicialmente, escolhas instáveis antes de ser mais realista em seus planos profissionais. Estes conceitos de estados, sub-estados e de tarefas se articulam, em sua teoria, em torno da noção de maturidade profissional. Para Super e seus colaboradores, uma primeira forma de avaliação da maturidade profissional consiste na identificação do estado atual da pessoa. Enfim, no que concerne a segunda forma de avaliação da maturidade profissional, ela trata especificamente de avaliar se o jovem consegue responder às tarefas de desenvolvimento associadas a sua idade. Assim, essa forma de avaliação pode ser associada à capacidade de adaptação profissional do jovem. Além de compor diversas proposições que servem para bem descrever o desenvolvimento profissional dos indivíduos, a teoria de Super acentua diversos fatores que influenciam neste processo. No que se refere a este aspecto, ele menciona, entre outros conceitos, o *auto-conceito*, diga-se, o conceito que uma pessoa tem de si mesma em determinados momentos específicos da vida: na execução de certas funções, em suas relações sociais, etc. Há também a capacidade de exploração do jovem em vista de adquirir informações sobre si mesmo (sou capaz de fazer isso? Vejo-me trabalhando com isso?) e sobre os outros (esse ambiente me satisfaz? Quero dividir minha vida profissional com essas pessoas?).

Do ponto de vista deste cientista, o indivíduo começa, desde a infância, a formar sua própria imagem a partir da exploração, da diferenciação e da identificação de um adulto significativo, do jogo de papéis (imaginação) e do teste de realidade para, ulteriormente, transpor essa imagem em termos profissionais e atualizá-la. Segundo suas observações, a auto-imagem é assim constantemente modificada ou revisada à medida que os anos passam. As experiências de vida se acumulam e os auto-conceitos se tornam cada vez mais positivos. E parece ser neste sentido que Ruel (1987) aborda a motivação e a noção de representação do si-mesmo.

Teoria da motivação e representação do si-mesmo de Ruel

Com inspiração na teoria da motivação humana de Nuttin e, considerando as noções de auto-percepção, auto-imagem e auto-conceito, Ruel (1987) acredita que a relação entre o indivíduo e o ambiente se estabelece a partir do momento onde a

necessidade é transformada em objeto-alvo. É por isso que ele se perguntou sobre o processo que inicia esse movimento intencional e que permite explicar a passagem da necessidade ao objeto-alvo e, logo a seguir, ao próprio projeto de ação. Em outras palavras, Ruel (1984) tentou dissecar o que motiva o indivíduo a se engajar em um comportamento, lançando a seguinte hipótese afirmativa: “a motivação está em relação com as percepções afetivo-cognitivas que o indivíduo tem dele mesmo e de seu ambiente” (p. 256). Para tornar mais explícito seu pensamento, esse autor afirma que o indivíduo se questiona sobre suas capacidades funcionais e avalia as probabilidades de atingir seus objetivos antes de identificar suas necessidades de um projeto de ação. Assim, referindo-se a representação que o indivíduo tem dele mesmo, o indivíduo se confronta com os objetos desejados e com as situações esperadas. Ainda, as comparações dele mesmo com os outros, seus julgamentos do ambiente e a percepção que o indivíduo tem de seus julgamentos também intervêm em sua concepção.

Além de sublinhar esta noção de representação de si mesmo (imagem unitária que se constrói no ritmo das experiências individuais), Ruel (1987) menciona igualmente que as representações de si mesmo permitem elaborar os auto-conceitos (julgamentos mais ou menos positivos em diversas áreas de atividade), de onde emerge a auto-estima (sentimento geral de apreciação, de maior ou menor satisfação consigo mesmo). Mais precisamente, ele explica que os julgamentos que o indivíduo faz de si mesmo provêm da responsabilidade dos sucessos ou dos fracassos anteriores que o indivíduo se atribui. Então, tentando resumir o raciocínio deste autor, é o caráter mais ou menos favorável desta avaliação que representa a base da ação comportamental. Também, ele prossegue seu raciocínio incluindo: “quanto melhor for a representação de si mesmo em relação a um objeto-alvo, mais intensa será a motivação para atingir um objetivo” (Ruel, 1987, p. 239).

Por conseqüência, ele considera que a qualidade da representação que o sujeito tem dele mesmo pode explicar o estopim da ação motivacional. É assim que, diante de uma apreciação positiva, iniciam-se atitudes afirmativas que colocam em evidência a possibilidade de realizar uma aspiração, portanto: o indivíduo consente em converter a necessidade presente em objeto-alvo e a se engajar, em seguida, em uma relação com o ambiente. Trata-se, segundo o autor, de uma necessidade “de ser”, diga-se, de um desejo de ser alguém! Mas, ao contrário, apreciações desfavoráveis do indivíduo sobre ele mesmo e sobre os outros inibem a eclosão de

uma ação comportamental positiva, ou ainda, diminuem a intensidade da motivação. Ruel (1984) pensa que as intervenções educativas (e re-educativas) devem ser efetuadas no nível das percepções do jovem, mais particularmente no que concerne ao auto-conceito e a auto-estima. Considerando que nossas reflexões se desenrolam junto aos adolescentes (13 a 16 anos), e estes habitualmente se preocupam com a imagem que eles projetam deles mesmos, essa teoria merece particular atenção por parte de psicólogos do esporte.

Tendo como base a teoria da motivação humana de Nuttin e as valiosas contribuições dos diversos colaboradores apresentados, pretende-se, agora, reduzir esse conhecimento para o contexto do tênis infanto-juvenil. Cabe destacar que as reflexões que seguem, além de aplicar esse conhecimento na prática do Tênis infanto-juvenil, pretendem ir além, ao realizar algumas considerações de cunho teórico-prático que darão vazão para que o conhecimento desta área evolua ainda mais.

Reflexões com respeito ao tênis infanto-juvenil de alto rendimento

No contexto do tênis infanto-juvenil de alto rendimento – tenistas que participam das competições da elite nacional brasileira – percebe-se muito esforço e dedicação por parte dos tenistas na rotina de treinamentos e competições. A maioria dos jovens treina mais de 3 horas diárias, somente se considerarmos a parte física e técnico-tática. Além disso, quase todos os finais de semana participam das competições regionais e nacionais. Esta é a rotina de atividades que os tenistas infanto-juvenis brasileiros enfrentam por toda a infância e adolescência. Todo esse empenho e dedicação, característicos de um adulto profissional, justificam-se, não apenas pelas medalhas recebidas nas vitórias em competições, mas também pela esperança dos jovens de chegar ao nível de atleta profissional. Assim, pode-se perguntar: Que motivação é esta que representa a força interna do jovem tenista por quase toda a sua infância e adolescência? Que qualidades volitivas são necessárias para que os tenistas consigam superar as dificuldades que surgem ao longo desta trajetória? E quanto à carreira de atleta: será que já não começou na adolescência? No caso de uma resposta afirmativa, quais os estados profissionais que o tenista atravessa durante este período? Espera-se, ao estabelecer uma fundamentação teórica sobre esta temática, contribuir para a obtenção de algumas respostas, que permitirá compreender as razões pelas quais os jovens tenistas se submetem a uma rotina de tanto desgaste físico e emocional.

A motivação na perspectiva da preparação volitiva dos tenistas

A perseverança representa uma componente indispensável, sem a qual não se concebe o sucesso no esporte. Trata-se de uma qualidade volitiva do atleta. A preparação volitiva representa a educação da vontade. Cabe ao treinador a função de utilizar o treinamento desportivo no sentido de formar as qualidades volitivas dos jovens atletas: autodeterminação, tenacidade, coragem e, principalmente, perseverança em busca dos objetivos de médio e longo prazo. A força da vontade se expressa de forma permanente e nas difíceis condições que se estabelecem durante a formação do tenista.

A prática regular e sistemática dos treinamentos do tenista não oportuniza apenas o desenvolvimento em curto prazo da *performance* desportiva; demonstra, também, sua perspectiva de sucesso em médio e longo prazo. Treinadores e atletas conhecem muito bem o significado destas qualidades nos treinamentos e nas competições de tênis. O treinador não é apenas um especialista em tênis; é também um educador. Eis, portanto, a razão pela qual aumenta a responsabilidade do treinador. Ele tem que possuir conhecimentos técnicos profundos, principalmente, no que diz respeito às recentes metodologias de ensino; contudo, é indispensável que seja um astuto educador.

A educação pelo esporte, nesta perspectiva, representa uma possibilidade de melhorar as qualidades volitivas do atleta e, conseqüentemente, a sua motivação. Trata-se de concepções sobre a perspectiva futura de desenvolvimento de alguns aspectos da formação do caráter. Evidentemente que para atingir resultados esportivos de alto nível no tênis são necessários vários anos de treinamento e competições. O tenista precisa ter perseverança para se manter um longo período convivendo com derrotas e vitórias, de tal modo que consiga superar essas dificuldades que são características do esporte. Trata-se de educar a perspectiva futura do atleta, alongando-a, de forma a fazer com que o atleta mantenha seus objetos-alvo, sem perder-se neste longo processo.

Na perspectiva do treinador, um dos problemas que se apresenta é a combinação das dificuldades características do tênis com a força de vontade do tenista para vencê-las. Cada tenista tem uma experiência de vida que lhe é própria e, conseqüentemente, impõe uma abordagem educativa individualizada. Esta abordagem manifesta-se de uma forma especialmente marcada nos casos em que se tem de vencer os jogos. O caminho para a vitória permite apreciar as condições

que são estabelecidas nos jogos. O tenista deve entender o efeito que trás um resultado superior nas competições. A força estimuladora que permite que o tenista tenha uma grande capacidade de mobilização para atingir seus objetivos tem o nome de motivações. Relacionado a isto estão às ações volitivas. Todas essas aspirações do tenista representam a base para vencer as dificuldades que surgem na rotina de treinamentos e competições. Elas determinam o comportamento do tenista por um largo período de tempo. O treinador deve conhecer as motivações que impulsionam as atividades dos tenistas para além dos aspectos situacionais. Trata-se de realmente interferir no processo educacional, com o objetivo de alcançar resultados de alto nível em longo prazo. O trabalho educativo deve ser organizado de tal maneira que o tenista ultrapasse as dificuldades para mobilizar a força de vontade. A preparação volitiva do tenista tem um grande significado para causar um impacto motivacional com perspectiva futura. Talvez a componente indispensável seja um objetivo bem fundamentado: as aspirações profissionais.

Sobre as aspirações profissionais do tenista

A atividade desportiva do tenista orientada para atingir elevados resultados quase sempre caminha junto com a perspectiva de uma carreira de atleta. Objetivos desta natureza pressupõem um trabalho de vários anos. Uma vez entendido pelo tenista a dimensão de seu objetivo, é necessário escolher os meios adequados que, certamente, variam de um tenista para outro. Os meios – objetivos intermediários – podem ser de perspectiva, mas devem contribuir para a realização do objetivo final. Os objetivos intermediários representam uma componente necessária da atividade do tenista e implicam diretamente nos planos individuais de preparação para a carreira de cada atleta. Obviamente que estes objetivos não tratam de todos os detalhes da preparação do tenista, mas podem eliminar algumas falhas constatadas no processo, assim como potencializar os acertos até então conseguidos. Para realizar os objetivos propostos, o tenista tem que superar alguns obstáculos com diferentes graus de dificuldade que, certamente, irão surgir ao longo do processo de treinamentos e competições. A perseverança para ultrapassar as dificuldades pode servir como um meio de verificação das qualidades volitivas do tenista. Este aspecto é especialmente importante para avaliar a motivação da perspectiva futura do atleta. Também neste caso, a individualidade deve ser respeitada, apesar de que o tenista irá encontrar obstáculos que são comuns a todos.

O treinamento sistemático de longos anos apresenta inúmeras dificuldades. Em sua maioria, não é possível prevê-las. Eis porque é importante considerar que muitas vezes não será possível eliminá-las imediatamente. Nestas situações, é necessário um esforço da vontade. Para identificar as qualidades volitivas é necessário enfrentar os obstáculos inesperados e, ainda, com diferentes graus de dificuldades. Em meio a estas situações, o técnico deve ter o cuidado de trabalhar na preservação e atualização da “representação de si mesmo” do atleta, de forma a manter um adequado autoconceito e autoestima. Adversidades podem deteriorar esta representação e, conseqüentemente, a motivação do atleta. Quando a principal aspiração do tenista é chegar à condição de atleta profissional, devem-se sublinhar os objetivos e funções para a atividade futura. Sendo assim, o treinador sabendo que o atleta tem em si a necessidade “de ser” (desejo de ser alguém) pode usar esta necessidade do atleta para impulsioná-lo na direção deste “ser” desejado (ser tenista profissional). O treinador deve considerar que haverá etapas de preparação para atingir o sucesso no futuro. Na etapa de planejamento incluem-se os motivos que impulsionam o tenista para alcançar seu objetivo. Na dinâmica de execução haverá lugar para a apreciação das próprias ações e, por conseguinte, da adoção de novas decisões. A experiência adquirida no processo de execução das atividades tem um valor inestimável para o estabelecimento de novos objetivos para as atividades futuras. A avaliação dos resultados de cada etapa é indispensável para a compreensão das razões que levaram as possíveis falhas que porventura ocorreram e que devem ser eliminadas.

Na realidade, na ocasião das avaliações surgem momentos positivos e negativos. O caráter bivalente dos resultados pode provocar diferentes graus de motivações no tenista. Obviamente que o sucesso traz confiança para o tenista; no entanto, os insucessos, se ocorrerem com certa freqüência, poderão implicar até mesmo no abandono da atividade. Para tentar evitar tais conseqüências, é preciso que o treinador reconheça que o atleta não é o único responsável. Inclusive, em alguns casos, o treinador deverá assumir integralmente as responsabilidades, com o objetivo de preservar o atleta. Talvez, a reformulação do planejamento das atividades poderá contribuir para manter o tenista mobilizado em suas qualidades volitivas e, conseqüentemente, motivado na perspectiva futura.

Os Planos Profissionais do Tenista infanto-juvenil brasileiro

A decisão de seguir a carreira de tenista acontece muito cedo para alguns jovens. Pode dizer até mesmo que se trata de uma decisão bastante precoce. Muitos tenistas brasileiros que se destacam em competições regionais na categoria “até 14 anos” já tomaram esta decisão. A partir de então, treinam e competem reproduzindo o modelo adulto profissional.

As competições nacionais do tênis infanto-juvenil são disputadas de segunda feira até sábado. Não é obrigatório participar de todas as competições, mas os critérios estabelecidos pelos dirigentes esportivos para o *ranking* das categorias estimulam a participação em inúmeras competições. O *ranking* é importante para o tenista por diversas razões: melhor colocação nas chaves dos torneios, prioridades nas convocações para representar a região ou o país em eventos nacionais e internacionais, prestígio na Mídia e com futuros investidores, entre outros. Nesta perspectiva, o tenista infanto-juvenil é conduzido para participar de um número que pode chegar a mais de 10 eventos por ano. Salienta-se que são mais de 10 semanas longe da escola de ensino Fundamental e Médio. Neste contexto, o tenista infanto-juvenil é forçado a tomar uma decisão quanto a sua carreira de tenista antes mesmo de passar pelas fases de exploração profissional. Longe da escola tradicional, as opções profissionais ficam extremamente reduzidas para o jovem. O tenista infanto-juvenil, então, segue no rumo da carreira de atleta. Sabe-se lá até quando! A especialização precoce pode trazer inúmeras complicações que, inclusive, podem forçar o jovem a abandonar sua carreira. As cargas especializadas de treinamentos e competições potencializam a preparação desportiva de forma unilateral e prematura. Deste modo, não é possível prever a reação do organismo do jovem. Estes jovens tenistas que se submetem a trabalhar reproduzindo o modelo adulto podem atingir um rendimento significativo em curto prazo, mas a falta de uma base física e psicológica mais sólida na formação poderá limitar a evolução posterior. Há um esgotamento prematuro da capacidade de prestação desportiva. Portanto, é preciso construir novos caminhos para permitir que o jovem consiga atingir seus objetivos profissionais no tênis.

Como chegar a ser um tenista profissional?

A escolha de seguir no caminho da carreira de tenista profissional aos 14 anos de idade deve ser uma decisão provisória. Para que isso se reflita na realidade, o jovem pode continuar treinando sistematicamente e competindo regularmente. No entanto,

estas atividades devem ser compatibilizadas com outros compromissos de um adolescente desta faixa etária: escola, cursos complementares de língua estrangeira, computação, e, principalmente, atividades de lazer (ou outras, dependendo das particularidades de cada um). Uma adequada preparação desportiva deve garantir um desenvolvimento multilateral da personalidade do jovem tenista.

Em muitos casos, os excelentes níveis técnicos e/ou resultados obtidos em competições infanto-juvenis não garantem que os jovens tenistas irão progredir para resultados superiores. Antes de priorizar o sucesso imediato, é preciso respeitar a idade biológica e psicológica do jovem desta faixa etária, a partir de princípios didático-metodológicos adequados: observar o princípio da relação ótima entre o volume, a intensidade, e as cargas de recuperação do treinamento; propor exercícios variados de forma que a atividade fique mais agradável; evitar a ênfase excessiva nas competições; ficar atento a reincidência de lesões, entre outros.

A carga de treinamento representa uma questão central na formação do jovem tenista, que visa à carreira de atleta. Na realidade, não há uma relação absoluta entre a carga de treinamento e o atleta em formação, pois depende de vários fatores. Trata-se de uma relação tão complexa, que muitas vezes acredita-se que o jovem suporta as cargas de treinamento adulto. De fato, é possível, mas por tempo limitado. No momento em que se esgotam as reservas do organismo do tenista infanto-juvenil é quase que inevitável a desistência. Apesar de o tenista insistir, persistir e, inclusive, se apresentar motivado para continuar na prática por um longo período, seu organismo começa a apresentar sistematicamente pequenas lesões físicas e, ainda, sintomas de estresse psicológico: falta de concentração, agressividade excessiva, descontrole emocional, etc. A proposta de prescrever exercícios variados de volume e intensidade média e, além disso, aumentando o tempo de intervalo entre as sessões de prática pode ser uma boa solução. O trabalho realizado com altas cargas e com insistentes repetições poderá servir para um tenista adulto, mas jamais para um tenista infanto-juvenil. Não se prepara um jovem tenista para ser atleta profissional, realizando as mesmas atividades de um tenista profissional. Não basta reduzir o volume e a intensidade das cargas de trabalho, é preciso buscar variações de exercícios para tornar as atividades menos repetitivas e mecanizadas. A liberdade de expressão e a criatividade devem estar sempre presentes durante as práticas dos jovens. Assim, é possível mantê-los

motivados por um longo período de tempo e, principalmente, sem lesões e sem estresse psicológico.

Outro aspecto fundamental diz respeito às competições. A lógica da competição do tênis infanto-juvenil segue o modelo adulto e, portanto, é absolutamente incompatível com os interesses da formação de jovens tenistas com pretensão de atingir o nível profissional. Exemplo disso está na própria valorização exacerbada da vitória. É indiscutível a importância da vitória nas competições profissionais; contudo, na fase infanto-juvenil o tenista precisa compreender o valor pedagógico de uma derrota no tênis. Sabe-se que uma vitória traz recompensas incalculáveis ao trabalho realizado. E, obviamente, quem não se motiva depois de uma vitória? No entanto, Há muito que se aprender com uma derrota. Inclusive, com relação aos aspectos motivacionais na perspectiva futura. Imaginem o alto grau de motivação de um tenista jovem que consegue uma vitória sobre outro tenista após várias derrotas consecutivas para o mesmo! Assim, salienta-se que a educação através da competição no tênis infanto-juvenil deve respeitar um quadro complexo de exigências biológicas, cognitivo-motoras, sociais, e ético-morais. Nesta perspectiva, é possível conceber um projeto de carreira de tenista profissional, conforme a Teoria de Super, pois se respeita os diferentes estados profissionais que o atleta atravessa em sua carreira no período de formação.

Reflexões conclusivas

Este capítulo permitiu explorar possíveis conceitos relativos ao construto motivação, especificamente na aresta referente à perspectiva futura e, fundamentalmente, em suas aplicações no contexto do tênis infanto-juvenil. Se por um lado, um dos importantes avanços deste capítulo foi a apresentação propriamente dita de uma teoria da motivação ainda não devidamente explorada no Brasil, por outro lado, os exemplos oferecidos (aqueles relativos aos jovens tenistas) enriqueceram o texto e permitiram facilitar sua compreensão.

Podemos concluir que a significação motivacional da perspectiva futura caracteriza a inscrição do comportamento em um conjunto de seqüências organizadas no tempo. A *planificação* (conceito particularmente interessante quando contextualizado na teoria de Donald Super) já era estudada desde os anos 1930 pelos teóricos da Teoria do Ego, particularmente aqueles que se interessavam a esta função que consiste em antecipar o futuro e orientar o comportamento do indivíduo, assim como “religar” de forma útil o fim ao meio. Esta perspectiva temporal foi descrita por Lewin

(1952) como um dos importantes elementos que integram o comportamento humano. Depois disso, é claro, os estudos se diferenciaram e começou-se a se interessar quanto à duração da perspectiva, quanto à orientação temporal da pessoa e, quanto à capacidade de permitir o “atraso” da entrega de uma recompensa, ou ainda, quanto à sensibilidade da duração da recompensa e de sua estimação.

A unidade encontrada em diversas pesquisas neste sentido tem demonstrado que se pode inicialmente observar que os indivíduos que pensam à longo termo privilegiam o futuro, em detrimento do passado e preferem uma recompensa ulterior mais importante que uma recompensa imediata menos importante. Pode-se também observar que os diversos elementos da perspectiva temporal estão associados à capacidade de adaptação dos indivíduos. Significa dizer que as pessoas que possuem esta significação motivacional (futura) se adaptam melhor, seja pessoalmente como socialmente, que aquelas com necessidades mais imediatas. Nós acreditamos que a ação motivacional deve ser contextualizada no tempo. A duração do segmento temporal que separa a construção do projeto (ou do início da ação) e a espera do objetivo pode ser desmotivadora, mas sempre podemos diminuir seu efeito inibidor levantando a hipótese de que “se nos esforçamos hoje, amanhã será, sem dúvida, melhor”!

Referências

- Balbinotti, C.A.A.; Barbosa, M.L.L.; Juchem, L.; Balbiontti, M.A.A.; Saldanha, R.P. (2007). A Motivação à prática regular de atividade física relacionada ao Prazer em adolescentes do sexo masculino. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 6(2), 13-18.
- Balbinotti, M.A.A. (2004). A noção transcultural da maturidade vocacional na teoria de Donald Super: Implicações para o estudo da maturidade de carreira de adolescentes atletas. In Gaya, A.; Marques, A.; Tani, G. (Org.). *Desporto para Crianças e Jovens: razões e Finalidades*. (pp. 315-351) (1ª ed). Porto Alegre: UFRGS.
- Balbinotti, M.A.A.; Barbosa, M. L. L. (2008). *Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividades Físicas e/ou Esportes (IMPRAFE-54)*. Laboratório de Psicologia do Esporte – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Balbinotti, M.A.A.; Balbinotti, C.A.A.; Barbosa, M.L.L.; Ferreira, A.O.; Gotze, M. (2007). Dimensões motivacionais de atletas corredores de longa distância: um

- estudo descritivo-comparativo segundo o sexo. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 6(2), 73-80.
- Barbosa, M.L.L. (2005). *Propriedades métricas do inventário de motivação à prática regular de atividade física (IMPRAF-126)*. Dissertação de Mestrado, Ciências do Movimento Humano/Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Barbosa, M.L.L.; Balbinotti, C.A.A.; Gonzales, R.H.; Balbinotti, M.A.A.; Ferreira, A.O. (2008). Motivação à prática regular de atividade física regular relacionada a competitividade em adolescentes do sexo feminino. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 7(1), 51-58.
- De Volder, M.L. & Lens, W. (1982). Academic achievement and future time perspective as a cognitive-motivational concept. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42(3), 566-571.
- Deci, E.L., & Ryan, R.M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development and health. *Canadian Psychology*, 49, 182-185.
- Feather, N. T. (1982). *Expectations and actions: Expectancy-value theories in psychology*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Gonzales, R.H.; Barbosa, M.L.L.; Balbinotti, C.A.A.; Ferreira, A.O.; Balbinotti, M.A.A. (2008). Motivação à prática regular de atividade física regular relacionada a competitividade em adolescentes do sexo masculino. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 7(1), p. 59-66.
- Guay, F., Ratelle, C. F., & Chantal, J. (2008). Optimal learning in optimal contexts: The role of self-determination in education. *Canadian Psychology*, 49, 233-240.
- Joussemet, M., Landry, R., & Koestner, R. (2008). A self-determination theory perspective on parenting, *Canadian Psychology*, 49, 194-200.
- Juchem, L. (2006). *Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo sobre tenistas brasileiros infanto-juvenis*. Dissertação de Mestrado, Ciências do Movimento Humano/Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Juchem, L.; Balbinotti, C.A.A.; Balbinotti, M.A.A.; Barbosa, M.L.L.; Saldanha, R.P. (2007). A motivação para a prática regular de atividades físicas: um estudo descritivo-exploratório com tenistas do sexo masculino de 13 à 16 anos. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 6(2), 19-24.

- Laguardia, J. G., & Patrick, H. (2008). Self-determination theory as a fundamental theory of close relationships. *Canadian Psychology, 49*, 201-209.
- Lens, W. (1981). *Cognition in human motivation and learning*. Leuven, Hillsdale: Leuven University and Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Lens, W. (1993). La signification motivationnelle de la perspective future. *Revue québécoise de psychologie, 14*, 69-83.
- Levesque, C., Copeland, K. J., & Sutcliffe, R. A. (2008). Conscious and nonconscious processes: Implication for self-determination theory. *Canadian Psychology, 49*, 218-224.
- Lewin, K. (1952). *Field Theory in Social Science*. London: Tavistock Publications.
- Miquelon, P., & Vallerand, R. J. (2008). Goal motives, well-being, and physical health: An integrative model. *Canadian Psychology, 49*, 241- 249.
- Nuttin, J. (1980a). *Théorie de la motivation humaine*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Nuttin, J. (1980b). *Motivation et perspective d'avenir*. Louvain : Presses Universitaires de Louvain.
- Nuttin, J. (1985). *Théorie de la motivation humaine*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Nuttin, J. & Lens, W. (1985). *Future time perspective and motivation*. Theory and research method. Louvain: Presses Universitaires de Louvain.
- Pelletier, L. G., & Sharp, E. (2008). Persuasive communication and proenvironmental behaviours: How message tailoring and message framing can improve integration of behaviors through self-determined motivation. *Canadian Psychology, 49*, 210-217.
- Ryan, R.M., & Deci, E.L. (2008). A self-determination approach to psychotherapy: The motivational basis for effective change. *Canadian Psychology, 49*, 186-193.
- Ruel, P.H. (1984). La problématique de la adaptation scolaire et la motivation. *Revue des sciences de l'éducation, 10*(2), 247-260.
- Ruel, P.H. (1987). Motivation et représentation de soi. *Revue des sciences de l'éducation, 13*, 239-260.
- Saldanha, R. P.; Juchem, L.; Balbinotti, C.A.A.; Balbinotti, M.A.A.; Barbosa, M.L.L. (2007). Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo sobre a

- estética em adolescentes do sexo feminino. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 6(2), 109-114.
- Saldanha, R.P. (2008). *Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo com atletas de Basquetebol infanto-juvenis (13 a 16 anos)*. Dissertação de Mestrado, Ciências do Movimento Humano/Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Saldanha, R.P.; Barbosa, M.L.L.; Balbinotti, C.A.A.; Balbinotti, M.A.A.; Ferreira, A.O. (2008). Motivação à prática regular de atividade física regular relacionada ao prazer em adolescentes do sexo feminino. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 7(1), 67-74.
- Super, D.E. (1953). A theory of vocational development. *American Psychologist*, 8, 185-190.
- Super, D.E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Row.
- Super, D.E. (1963). Vocational development in adolescence and early adulthood: Tasks and behavior. In Super & Associates (Orgs.), *Career development: Self concept theory* (pp. 1-16). New York: College Entrance Examination Board.
- Super, D.E. (1972). Vocational development theory in twenty years. In J. M. Whiteley & A. Resnikoff (Orgs.), *Perspectives on vocational development*. Washington, DC: American Personnel and Guidance Association.
- Super, D.E. (1980). A life-time, life-space, approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 13, 282-298.
- Super, D.E. (1985a). Exploration des frontières du développement vocationnel. *Connat*, 8, 271-297.
- Super, D.E. (1985b). Coming of age in Middletown: Careers in the making. *American Psychologist*, 40, 405-414.
- Super, D.E. (1990). The life-span, life-space approach to career development. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Orgs.), *Career choice and development* (pp. 197-261) (2^a ed.). San Francisco: Jossey-Bass.
- Super, D.E., Savickas, M.L., & Super, C.M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Orgs.), *Career choice and development* (pp. 121-178) (3rd ed.). San Francisco: Jossey-Bass.
- Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., & Koestner, R. (2008). Reflections on self-determination theory. *Canadian Psychology*, 49, 257-262.

Wilson, P. M., Mack, D. E., & Grattan, K. P. (2008). Understanding motivation for exercise: A self-determination theory perspective. *Canadian Psychology*, 49, 250-256.

Sobre os autores

Marcos Alencar Abaide Balbinotti

Professor Ph.D. da Université de Sherbrooke

Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia e Psicologia do Esporte (NEPPPE)

Endereço para correspondência

Marcos Alencar Abaide Balbinotti

7 de l'Artiste; Kirkland (Qc)

H9J 4B6 - Canadá

e-mail: mbalbinotti@hotmail.com

Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Av. Lucas de Oliveira, 2507/402

CEP 90460-001-POA/RS - Brasil

e-mail: cbalbinotti@terra.com.br